

VIII Congresso Internacional de Convergência, movimento lacaniano pela psicanálise freudiana

Qual a ética para a prática psicanalítica na atualidade?

Barcelona 24, 25, 26, e 27 de maio de 2023

Apresentação institucional de Apertura

Apresentam:

Laura Vaccarezza, Norberto Ferrer, Carme López, Silvina Mosquera, Lidia Ortiz e Irma Bouyat

O lugar da psicanálise nos tempos do 3.0

Este congresso nos convoca a debater a respeito da ética e do lugar da psicanálise nos tempos atuais, tempos hipermodernos e do 3.0. Como nos mostrou Freud, estamos sendo testemunhas de um novo mal-estar na cultura, são tempos marcados por grandes e rápidas mudanças, por movimentos sociais: pensamos nos avanços tecnológicos, científicos, nos tratamentos de reprodução assistida, na IA (Inteligência Artificial), no big-data, na crise econômica e na guerra da Ucrânia, na escalada armamentista, o surgimento da pandemia, o aquecimento global... a vida em um clic... uma realidade inquietante que transforma os modos de vida.

A sociedade atual, como em outros tempos, manifesta um mal-estar que se apresenta sob diferentes formas, com diversidade de aspectos e da qual emerge uma ampla expressão sintomática, que se manifesta e se faz ver.

Os psicanalistas também estão abalados por essa realidade que lhes questiona, motivo pelo qual não podem se manter passivos e alheios diante de tudo o que ocorre; não estão “fora de”, vivem imersos numa conjuntura de mal-estar generalizado, na qual o discurso dominante empurra a população para o gozo ilimitado. Encontramo-nos frente a uma realidade de corpos manipulados pela ciência que nega o impossível e favorece um gozo transbordante, diante de uma instauração de objetos e de corpos que simplesmente gera uma angústia arrebatadora.

Falta a falta, o que nos aproxima, cada vez mais, de uma realidade que se percebe como delirante.

Nesse propósito e desde a ótica do amor de transferência, é onde entra em jogo nossa ética como analistas: preservar no ato essa função terceira que faz saber da falta, da incompletude, do limite, da finitude, da lei, dessa “marca de contenção” que tanto pacifica, o que vemos na clínica; uma terceiridade que opera desde o des-ser que escuta, assinala e se dirige ao sujeito, acompanhando-o no seu dizer, no seu transitar, sem preconceitos, fazendo-o saber sobre seu desejo.

A propósito dos tempos e de “o contemporâneo”, o filósofo italiano Giorgio Agamben escreve:

(...) “contemporâneo é aquele que tem o olhar fixo no seu tempo, para perceber NÃO a luz, mas a escuridão. Todos os tempos são, para quem experimenta a contemporaneidade, escuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa escuridão e que é capaz de escrever molhando a pena nas penumbras do presente”.

(...) “Não se deixar cegar pelas luzes do século; só assim poderemos distinguir nelas a parte da sombra, sua íntima escuridão.”

Em outras palavras: não existe luz sem a intimidade escura dos sintomas que chegam aos nossos consultórios; uns chamados que revelam a crise do simbólico, no qual reina a metonímia, a imagem do outro “como se”, o Ideal de eu, e uma realidade virtual e múltipla onde não há fronteiras nem proibições.

O sistema, neoliberal e perverso, está instaurado na certeza do “Tudo é possível”, “tudo é comparável”, e alimenta sem fim esse desassossego social, enquanto publicita e vende supostas soluções expressas para tudo.

As realidades sociais se multiplicam na velocidade das desigualdades e dos contrastes, o semelhante se transforma em ameaça, o isolamento induzido em hábito, e se troca a vida afetiva pela sobrevivência. O mal “trato” transborda o mal “estar”.

São tempos nos quais a subjetividade da palavra, o simbólico, também se estremecem revelando, ao mesmo tempo, sua fragilidade contemporânea.

Sabemos que o sujeito é *per se* subversivo e, quanto mais se tenta esmagá-lo, mais se agita...

Portanto, é agora, mais do que nunca, quando devemos prestar atenção nas penumbras do paciente e sermos capazes de vê-las entre tanta luz ofuscante; é um bom momento para tirar o olhar e afinar a escuta, poder significar os silêncios, a encenação, os ditos e meio ditos, o que fica entre as palavras; construir um lugar, um espaço à sua subjetividade, para que ela possa se manifestar; talvez assim se possa gerar algo de luz na singularidade de cada caso.

A ética, tema que hoje incita analistas, estudiosos, ouvintes e curiosos, nos induz a refletir, a seguir, trabalhando, debatendo, intercambiando ideias, escrevendo e, principalmente, sustentando o discurso da psicanálise.

Lacan, no final de seus ensinamentos, dizia: “*é indispensável que o analista seja ao menos dois. O analista para ter efeitos e/é (et/est) o analista que, a esses efeitos, os teoriza.*” Se a prática não se explica, não se formaliza, não se escreve, a psicanálise não se diferencia da magia ou de qualquer tipo de esoterismo. E aqui estamos, reunidos colocando o corpo e nos reencontrando em torno da ética; a respeito dessa, Lacan nos diz: “*o ato ético é aquele que é conforme com o desejo do sujeito, tanto como o ato não ético ou culpado, que é aquele em que o sujeito CEDE para renunciar ao seu desejo.*”

Desse modo, podemos pensar a ética da psicanálise onde há uma demanda do Sujeito (que sofre, pede ajuda e se queixa) e onde há um desejo de analista para escutar o que diz, como falam os sintomas daquele que vem à consulta.

Como analistas, sabemos que a linguagem; que nos atravessa e nos golpeia, não determina um sentido único e inequívoco das palavras, já que a vida pode ser entendida de muitas e infinitas maneiras, cada sujeito com a sua própria verdade, sua própria interpretação do

devir de sua existência e dos sintomas que carrega em sua mochila, todos esses sintomas que acompanham ao “*parlêtre*” e seu verbo, desde o princípio dos tempos.

No contexto atual, o motor de nossa práxis é poder escutar a subversão e o desejo do sujeito (em tempos em que o desejo está extraviado e a subjetividade gravemente comprometida); é trabalhar para construir um eixo transferencial sólido no qual se faça um lugar às suas manifestações por mais extravagantes que pareçam e por meio ds quais se possa conduzir a cura para que o desejo do sujeito aflore em palavras; desde uma escuta ética (não moralista) com a qual se sustente o ato analítico ético.

Voltemos a Lacan quem, diante do mal-estar, nos propõe trabalhar desde sua máxima ética: “*Não retroceder diante do desejo*”, “*aproximar-se ao real do sujeito através do mais singularmente próprio de cada um, para que este não se anule nem se traia*”; para poder mergulhar em busca da verdade autêntica de cada um.

Se existe uma ética da psicanálise é então aquela que se distancia radicalmente de qualquer fórmula de adaptar o sujeito ao que lhe convém, à moral, ao que busca lhe adestrar e predeterminar.

São tempos em que “falta a falta” e nos quais não há impossíveis possíveis, mas que grande paradoxo: o que mais se tenta que falte é o sujeito! Apagado e convertido pelo sistema em objeto, sem alma, sem oportunidade para a singularidade e a palavra.

Aqui está o legado de Freud, de Lacan, da psicanálise e sua ética: no esforço de seguir escutando o mal-estar que chega ao dispositivo, por fazer que surja o sujeito e sua palavra singular e plena, para fazer saber algo de sua castração, do desejo, do gozo, do limite, do amor, da perda, da vida, da relação do vínculo com o Outro e com o semelhante...

Nossa ética deve apontar a um ato maleável e aberto, camaleônico, sem rigidezes, único de cada paciente, em cada sessão; um trabalho diametralmente contraposto às sequências e aos algoritmos que tentam nos predeterminar; um ato fundamentado na transferência, na demanda de amor, que saiba dos tempos e que seja aberto; que se alimente de outras

disciplinas, que faça saber sobre a causa e a origem da angústia, que delimite essas cicatrizes, esses sintomas transgeracionais e atemporais, pessoais e intransferíveis... que retornam, uma e outra vez. A cultura muda e o mal-estar se manifesta sob novos modos de apresentação.

A respeito de “*A direção da cura e os princípios de seu poder, Escritos I*” (1958) Siglo XXI Editores, Lacan nos diz:

“Pois se o amor é dar o que não se tem, é bem certo que o sujeito pode esperar que lhe deem, posto que o psicanalista não tem outra coisa que lhe dar (é amor de transferência). Mas inclusive essa nada (a falta), não lhe é dada, e é melhor assim: e por isso se paga por essa nada, e preferivelmente de maneira generosa, para mostrar bem que de outra maneira não teria muito valor”.

O paciente paga para que o analista lhe faça saber da falta, no seu caminho rumo ao desejo.

Chegando a esse ponto, propomos um lugar e uma ética da psicanálise nos tempos de 3.0, cimentados no desejo do analista, um analista envolvido, comprometido, coetâneo de seu tempo e que trabalha desde o falho primordial que nos caracteriza como seres falantes, que nos estimula a seguir aprendendo, a prestar uma escuta atenta e delicada, a investigar e a nos formar para sermos capazes de avançar um pouquinho mais, como estamos fazendo hoje aqui.

Definitivamente, meus colegas e eu nos referimos ao compromisso fundamental de “ser ativistas da palavra ética e plena do Sujeito”, uma palavra que reposiciona e traz consigo novas perspectivas e sentidos, novos desejos, a mesma palavra com a que fazemos caminho ao falar.

Como disse Lacan no Seminário nº 7, se referindo à moral do poder: “*Vocês continuem trabalhando, e quanto ao desejo, esperem sentados*”. Nós não esperamos.

